

Quem são e onde estão os enfermeiros especialistas em estomaterapia no Brasil?

Who and where are specialist nurses in enterostomal therapy in Brazil?

¿Quién y dónde están los enfermeros especialistas en estomaterapia en Brasil?

Maria Angela Boccara de Paula^{1,}, Suzana Lopes Salgado Ribeiro^{1,2}, Vera Lúcia Conceição de Gouveia Santos³*

ORCID IDs

Paula MAB  <https://orcid.org/0000-0002-7438-9595>
Ribeiro SLS  <https://orcid.org/0000-0003-1781-3289>
Santos VLCG  <https://orcid.org/0000-0002-1288-5761>

COMO CITAR

Paula MAB; Ribeiro SLS; Santos VLCG. Quem são e onde estão os enfermeiros especialistas em estomaterapia no Brasil? ESTIMA, Braz. J. Enterostomal Ther., 17, 2019: e2419. https://doi.org/10.30886/estima.v17.820_PT

RESUMO

Objetivo: Caracterizar o perfil de formação e de atuação profissional do estomaterapeuta brasileiro com vistas à avaliação da abrangência da especialidade na atualidade e mapear a atuação profissional na especialidade. **Método:** Trata-se de estudo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa, conduzido durante o ano de 2016, realizado com 548 enfermeiros, graduados, especializados e que atuavam na área de estomaterapia. Dados coletados por meio de questionário e organizados com o auxílio do *software* Microsoft Excel®, apresentados em números absolutos e percentuais em forma de gráficos e tabelas. **Resultados:** Os dados apontam caminhos de crescimento dos cursos de estomaterapia, sua disseminação pelas regiões do país e ampliação no número de formandos, bem como a predominância da região Sudeste para a formação e atuação dos estomaterapeutas. Quanto às áreas de atuação profissional, há maior concentração de profissionais no cuidado de pessoas com feridas e na área assistencial. **Conclusão:** Os estomaterapeutas brasileiros, em sua maioria, atuavam há menos de 10 anos na área, em especial no campo assistencial, predominantemente no cuidado de pessoas com feridas. Uma das preocupações apontadas pelo estudo refere-se à necessidade de o especialista atuar e divulgar as demais áreas da especialidade – estomias e incontinências.

DESCRIPTORIOS: Enfermeiro; Prática Profissional; Estomaterapia.

ABSTRACT

Objective: To characterize the educational and professional profile of the Brazilian enterostomal therapist nurses with a view to assessing the scope of the specialty in the present and to map the professional practice in the specialty. **Method:** It is an exploratory and descriptive study with a quantitative approach conducted during 2016, carried out with 548 nurses, graduates, specialized in the area of enterostomal therapy. Data were collected by questionnaires and organized in the software Microsoft Excel®, presented in absolute numbers and percent in the form of graphs and tables. **Results:** The data point to growth pathways of enterostomal therapy education programs, their dissemination in the country's regions and expansion of the number of graduates, as well as the predominance of the Southeast region for the formation and performance of the enterostomal therapist nurses. As for the areas of professional practice, there is a greater concentration of professionals in the care of people with wounds and in the care area. **Conclusion:** Most Brazilian enterostomal therapists have been working in the area for less than 10 years, especially in the care area, predominantly in the care of people with injuries. One of the concerns pointed out by the study refers to the need for the specialist to act and disclose the other areas of the specialty – ostomy and incontinence.

DESCRIPTORS: Nurse; Professional practice; Stomatherapy.

1. Universidade de Taubaté – Departamento de Enfermagem e Nutrição – Taubaté/SP - Brasil.

2. Universidade de Taubaté – Departamento de História – Taubaté/SP – Brasil.

3. Universidade de São Paulo – Escola de Enfermagem – Departamento Enfermagem Medico-Cirúrgica – São Paulo/SP – Brasil.

*Autora correspondente: boccaradepaula@gmail.com

Recebido: Nov. 09, 2019 | Aceito: Fev. 03, 2020



RESUMEN

Objetivo: Caracterizar el perfil educativo y profesional del enfermero terapeuta estomal brasileño con el fin de evaluar el alcance de la especialidad en el presente y mapear la práctica profesional en la especialidad. **Método:** Trata-se de estudo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa, conduzido durante el año de 2016, realizado con 548 enfermeros, graduados, especializados y que atuavam na área de estomaterapia. Dados colectados por meio de questionário y organizados con el software Excel®, apresentados en números absolutos y porcentajes en forma de gráficos y tablas. **Resultados:** Los datos apuntan a vías de crecimiento de los cursos de estomatoterapia, su difusión en las regiones del país y la expansión del número de alumnos, así como el predominio de la región sudeste para la formación y el desempeño de los extraterrestres. En cuanto a los ámbitos de la actividad profesional, hay una mayor concentración de profesionales en el cuidado de personas con heridas y en el área de atención. **Conclusión:** La mayoría de los estomaterapeutas brasileños han trabajado en el área durante menos de 10 años, especialmente en el campo de la atención, principalmente en el cuidado de personas con heridas. Una de las preocupaciones señaladas por el estudio se refiere a la necesidad de que el especialista actúe y divulgue las otras áreas de la especialidad: ostomía e incontinencia.

DESCRIPTORES: Enfermera; Practica profesional; Estomaterapia.

INTRODUÇÃO

A estomaterapia, especialidade da Enfermagem, teve suas origens em Cleveland, nos Estados Unidos da América, na década de 1950. Sua história está vinculada ao desenvolvimento das técnicas cirúrgicas, especialmente ao aprimoramento da confecção de estomias intestinais pelo Dr. Rupert Turnbull. Esse médico convidou Norma Gill, sua paciente com ileostomia, para auxiliar na orientação de outros pacientes sobre o autocuidado após a confecção da estomia¹⁻³.

A década de 1960 foi importante para a área, já que em 1961 iniciou-se nos EUA o primeiro programa educacional acerca dos cuidados com pessoas com estomias, oferecido a profissionais de saúde e pacientes; e, em 1968, surgiu a primeira organização profissional congregando estomaterapeutas, também nos EUA. A partir de então, novos cursos surgiram na Europa e América do Norte, cada vez mais voltados exclusivamente a profissionais da saúde. Em 1978, com maior difusão da estomaterapia, exercida principalmente por enfermeiros, foi criada a organização internacional denominada *World Council of Enterostomal Therapists* (WCET), então presidida por Norma Gill¹⁻³.

A especialidade foi introduzida no Brasil apenas nos anos 1980, quando alguns poucos enfermeiros interessados buscaram sua formação em escolas no exterior. Somente em 1990, criou-se o primeiro curso de especialização em enfermagem em estomaterapia do país, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP). Somente em 1999, surgiu o segundo curso na área, na Universidade Estadual do Ceará (UECE)^{2,3}.

Os anos 1990 também foram profícuos no Brasil, já que em 1992, apenas dois anos depois da criação do primeiro

curso, surgiu a Sociedade Brasileira de Estomaterapia (Sobest), hoje denominada Associação Brasileira de Estomaterapia: Estomias, Feridas e Incontinências, que tem como finalidade o desenvolvimento científico e cultural da especialidade, bem como o credenciamento dos cursos de especialização realizados em território nacional^{2,3}.

A partir de 2000, outros programas de educação em estomaterapia foram sendo criados em instituições de ensino espalhadas por todo o país. Na atualidade, existem 22 cursos (credenciados pela Sobest e WCET), com espaço crescente e destaque na enfermagem brasileira, consolidando mais uma área de produção de conhecimentos e evidências no campo da saúde⁴.

Considerando-se o crescimento da especialidade no país, nos últimos 29 anos, torna-se fundamental conhecer quantos e quem são, ou seja, o número de especialistas formados e atuantes, bem como onde se encontram, em que área de abrangência e em que campo da especialidade desenvolvem sua atividade profissional.

A escolha de uma especialidade representa importante transformação, em que o sujeito busca construir-se, por meio da complementação técnico-científica, do reconhecimento, do sucesso, da autonomia técnica, financeira, entre outros aspectos^{5,6}. Trata-se, portanto, de um importante momento de tomada de decisão da vida profissional, que poderá trazer mobilidade e conseqüente elaboração e reelaboração de significados para a vida pessoal, acadêmica e profissional.

A especialização prepara o enfermeiro para um domínio avançado sobre um determinado campo da enfermagem e inclui o aperfeiçoamento de papéis clínicos, administrativos, de ensino, de pesquisa e de consultoria visando a garantir a competência do especialista na área³.

O enfermeiro especialista em estomaterapia é definido como aquele que possui conhecimentos, treinamento específico e habilidades para o cuidado das pessoas com estomias, feridas agudas e crônicas, fístulas e incontinências anal e urinária^{2,3}. Em seu cotidiano, o estomaterapeuta trabalha não só com os cuidados propriamente ditos, mas também com funções educativas, voltadas para a pessoa assistida e sua família, a comunidade e a equipe de saúde, em programas de ensino formais e informais, sendo estes importantes para a geração de novos saberes para a área³. A diversidade dessas atuações está presente nos dados analisados no presente trabalho.

Apesar do amplo campo de atuação, o estomaterapeuta ainda enfrenta muitas dificuldades para exercer sua especialidade e garantir seu espaço nas instituições de saúde. Dificuldades que estão relacionadas ao desempenho rotineiro de suas atividades, mecanismos de poder institucional sobre o profissional e na própria representação do enfermeiro perante a sociedade. O enfermeiro especialista em estomaterapia também se depara com situações em que vivencia a indefinição de papéis, de forma presumida e assumida. Essas situações o levam a acumular tarefas, executando aquelas pelas quais já era responsável como enfermeiro, acrescidas das novas, como especialista, acumulando assim outras responsabilidades permeadas, muitas vezes, por sentimento de impotência e exploração⁷.

Encontrar o seu lugar e definir o seu papel talvez sejam os maiores desafios do enfermeiro. Por outro lado, a especialidade vem se mostrando como um caminho eficaz para que esse desafio seja vencido.

Portanto este estudo justifica-se pelo desenvolvimento da enfermagem em estomaterapia no país, pelo seu reconhecimento no âmbito da saúde pública e privada, por sua regulamentação e necessidade da criação de elos de identidade profissional que configuram o grupo estudado.

O estudo teve por objetivo caracterizar o perfil de formação e de atuação profissional do estomaterapeuta brasileiro com vistas à avaliação da abrangência da especialidade na atualidade e mapear a atuação profissional na especialidade. Desta forma, este artigo apresenta dados sobre as regiões do país de origem e formação dos estomaterapeutas, geração e instituições formadoras, áreas de atuação dentro da especialidade (estomias, feridas e incontinências) e campos de ação profissional (assistência, gerência, ensino, pesquisa e outros), bem como o tempo de atuação como especialista. Pretende-se, assim, contribuir com o registro da história da

estomaterapia no Brasil por meio da sistematização de dados sobre quem são e onde estão os estomaterapeutas no país.

MÉTODOS

Trata-se de estudo exploratório, descritivo, com abordagem quantitativa, realizado durante o ano de 2016. O recrutamento dos participantes foi feito a partir de listagens de enfermeiros que concluíram o curso de especialização em estomaterapia, fornecidas pelo Departamento de Educação da Sobest, além de contatos existentes no *mailing* da Associação. Os critérios de inclusão foram ser: estomaterapeuta, brasileiro, formado em curso credenciado pela Sobest/WCET ou somente pelo WCET (para estomaterapeutas formados fora do país) e profissionalmente atuante no próprio país.

Uma vez composta a listagem definitiva de potenciais respondentes, segundo os critérios de inclusão, estimou-se 1371 estomaterapeutas como população do estudo. Iniciou-se, então, o contato com os profissionais por meios eletrônicos e envio dos seguintes documentos: carta explicativa sobre o projeto, contendo também as instruções para preenchimento do instrumento de coleta de dados, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o instrumento para a coleta de dados, atendendo as recomendações da Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

A preocupação com o tempo e com o custo da pesquisa se impôs em um estudo que propunha o mapeamento nacional. Sendo assim, justificou-se o uso de recursos remotos como opção de levantamento de dados, nesse caso a internet. Assim, o mesmo modelo de questionário foi disponibilizado no *site* da Sobest, encaminhado por e-mail e/ou pelo aplicativo de mensagens WhatsApp de forma a facilitar o contato com os sujeitos consultados para obtenção de suas respostas.

O instrumento para a coleta de dados foi desenvolvido pelas pesquisadoras, sem validação prévia. Era composto por oito perguntas fechadas, sendo três com espaço para justificativa. Foram coletados dados relativos à região de residência, formação e atuação profissional (como enfermeiro, como especialista, áreas da especialidade – feridas, estomias e incontinências –, local de trabalho, tempo de atuação, campo – assistência, gerência, ensino pesquisa, indústria e comércio).

Dos 1080 questionários enviados, 787 foram recebidos e validados. Os dados foram organizados com o auxílio do *software* Microsoft Excel®. As informações foram apresentadas por meio de gráficos e tabelas em números

absolutos e percentuais. A amostra final foi composta de 548 enfermeiros, graduados, especializados e que atuavam na área, cujos questionários encontravam-se completos para a extração e análise dos dados. Isso porque, os questionários que compuseram a amostra final têm maiores informações, de maneira que suas respostas permitiriam analisar tanto sua formação quanto sua atuação profissional. Foram excluídos 239 questionários devido a preenchimento incorreto, incompleto ou que não atendiam aos critérios de inclusão no estudo.

RESULTADOS

A estomaterapia enquanto especialidade é desenvolvida no Brasil desde 1990, porém não de forma equitativa em todas as regiões do país. Os dados coletados mostram essa realidade, uma vez que a história da especialidade teve início no Sudeste e, durante dez anos, São Paulo foi o único estado a ter um curso de formação na área, de forma que os estomaterapeutas concentraram-se nesta região.

A Fig. 1 mostra a quantidade de questionários respondidos por região de formação dos participantes.

O destaque em número de formados ficou para a região Sudeste que formou 372 (67,9%) desses profissionais.

No que se refere a distribuição da quantidade de respondentes segundo a década de realização do curso de especialização em estomaterapia, obteve-se os seguintes resultados a apresentados na Tabela 1.

Buscou-se conhecer através do questionário a área de atuação do participante na especialidade (estomias, feridas e incontinências). Entretanto 51 (9,3%) questionários foram

devolvidos sem a resposta da área em que o profissional atuava, como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 1. Distribuição da quantidade de respondentes segundo a década de realização do curso de especialização em estomaterapia.

Período	Quantidade	Porcentagem
1989 a 1998	40	7,3
1999 a 2008	151	27,6
2009 a 2016	342	62,4
Em andamento	15	2,7
Total	548	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 2. Distribuição das respostas segundo à área da especialidade em que atuavam os participantes.

Área da especialidade	Estomaterapeuta: área de especialidade	Porcentagem
Estomias	30	,5
Feridas	54	9,8
Incontinências	2	0,4
Estomias e feridas	196	35,8
Estomias e incontinências	13	2,4
Feridas e incontinências	14	2,6
Estomias, feridas e incontinências	188	34,3
Sem informação	51	9,3
Total	548	100

Fonte: Dados da pesquisa.

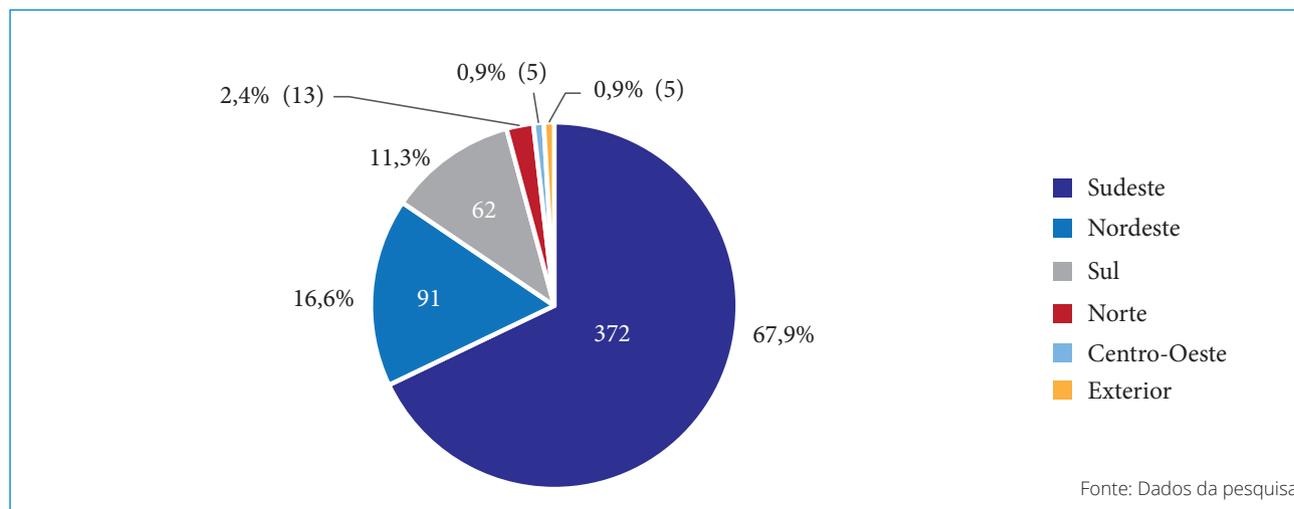


Figura 1. Distribuição da quantidade de questionários respondidos por região de formação dos participantes.

A questão relacionada ao campo profissional (Fig. 2) aceitou mais de uma alternativa, chegando ao total de 569 respostas, para 548 estomaterapeutas consultados. A opção por permitir múltiplas respostas advém do fato de se entender que é possível atuar em mais de um dos campos indicados, mas, mais que isso, em cruzamentos de campos não indicados nas alternativas. Entretanto a maioria dos participantes escolheu apenas uma das alternativas disponibilizadas.

O campo assistencial foi a principal resposta (418, 73,5%), sendo que 138 (24,3%) atuavam exclusivamente nele. Os campos gerencial e de pesquisa atingiram os menores índices, computando apenas 28 (4,9%) respostas. Por outro lado, pode-se observar que o número de profissionais que se dedicavam à pesquisa ou à vida acadêmica ainda é pequeno (66, 11,6%).

Outro campo de atuação para o estomaterapeuta está na indústria e no comércio de produtos relacionados ao cuidado de pessoas com feridas, estomias e incontinências. Neste estudo, 57 (10,0%) dos participantes responderam

que atuavam nesse campo, sendo um espaço em construção, no qual ainda se faz necessário estabelecer as competências específicas do estomaterapeuta.

No que se refere a distribuição dos participantes segundo tempo de atuação profissional na área, 223 (40,7%) dos questionários respondidos mostraram que os profissionais tinham cinco anos ou menos de atuação. Em seguida, 164 (29,9%) dos que atuavam na área, tinham entre seis e dez anos. Ou seja, 387 (70,6%) respondentes atuavam por dez anos ou menos. Aqueles que tinham entre 11 a 15 anos de experiência representam 71 (13,0%) respostas, 49 (8,9%) tinham de 16 a 20 anos de atuação na área, com mais de 20 anos obteve-se 22 (4,0%) respostas e sem informação 19 (3,5%). Talvez essas pessoas que não informaram esse campo sejam aquelas que já se aposentaram ou que não atuavam mais na área, independentemente de já terem atuado.

A Fig. 3 mostra o número de especialistas atuantes e correlaciona-os com o número de instituições formadoras, sendo possível verificar que o número de instituições cresceu,

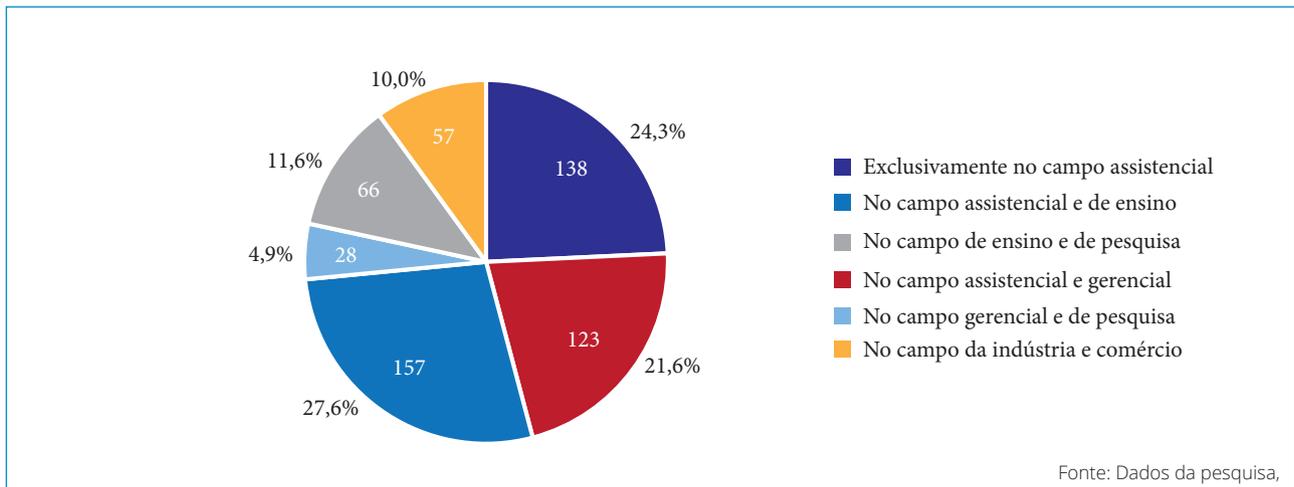


Figura 2. Distribuição das respostas às questões referentes ao campo profissional do participante.

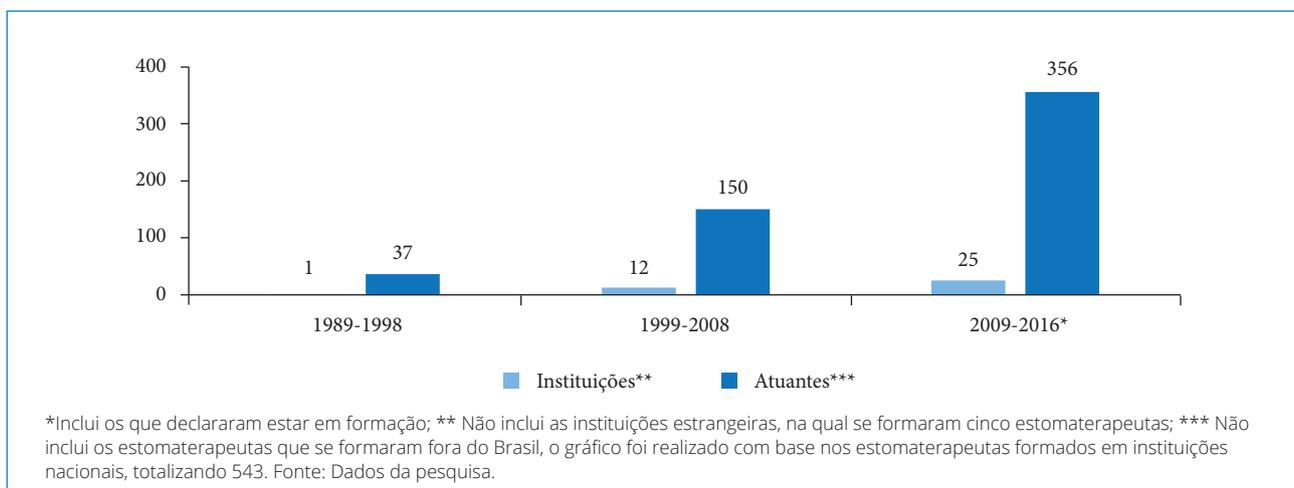


Figura 3. Relação de instituições formadoras por período e de formados atuantes.

passando de apenas uma até 1998 (USP) para 12 até 2008, até as 25 instituições apontadas na pesquisa em 2016. Nas Figs. 4 e 5 encontram-se as informações referentes às instituições formadoras e número de especialistas formados.

A região Sudeste é a que tem mais estomaterapeutas, desde a introdução da especialidade no Brasil, seguida das regiões Nordeste e Sul, que é um reflexo do número de instituições formadoras, já que a primeira possui cursos mais antigos e maior oferta.

Somente a partir de 1999 a formação na especialidade foi descentralizada com a criação de cursos em outras regiões brasileiras. Contudo a região Sudeste (a mais populosa do país) mantém-se com maior número de cursos disponíveis. A região Centro-Oeste aparece com a oferta de apenas um curso de especialização (Fig. 6).

De acordo com os dados da Fig. 6, é possível mais uma vez verificar a importância do Sudeste na formação e atuação dos estomaterapeutas, já que seus números são

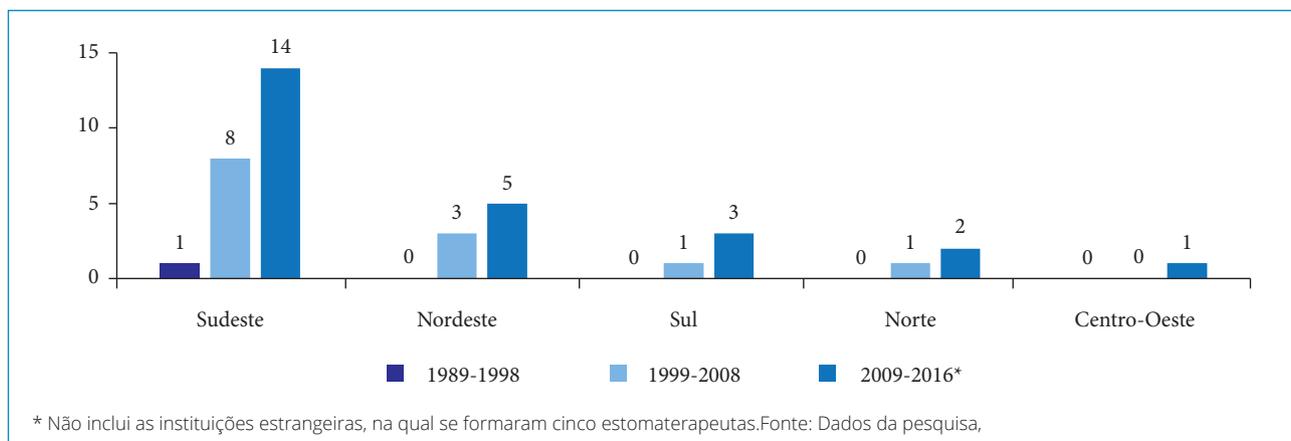


Figura 4. Relação por período das instituições formadoras no Brasil distribuídas por região.

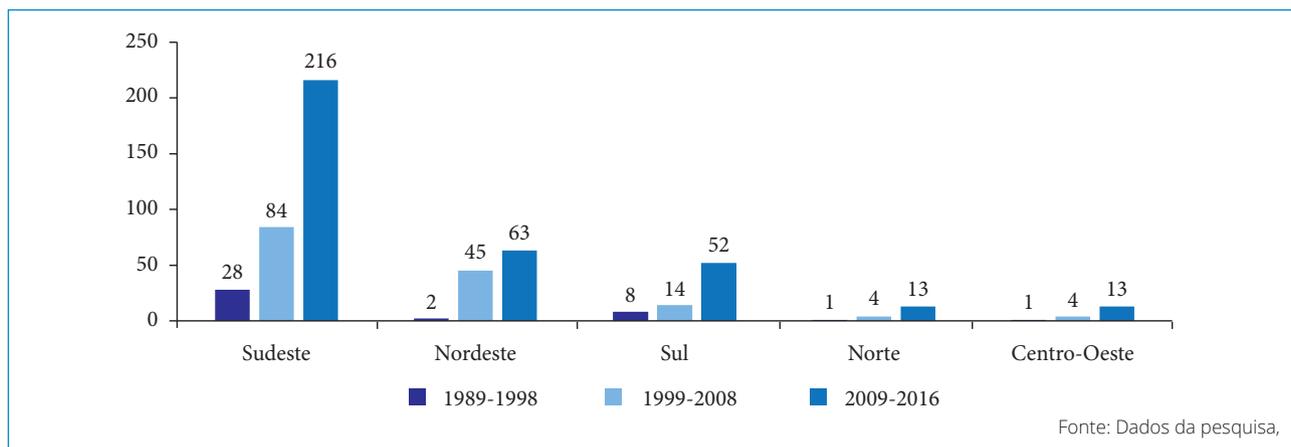


Figura 5. Geração de formação, distribuído por região de atuação.

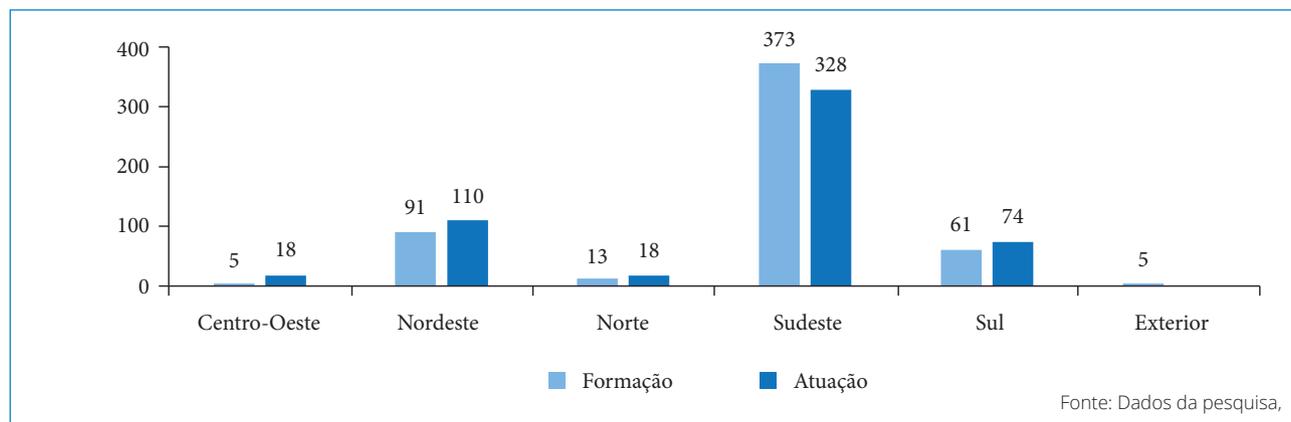


Figura 6. Distribuição dos estomaterapeutas por região: formação e atuação.

três vezes maiores que da segunda região mais importante (Nordeste). Além disso, percebe-se que o Sudeste tem mais formados que atuantes, possivelmente devido a ser a única região formadora no início, o que levou enfermeiros de outros estados se especializarem nessa região.

No que tange a relação de formados em estomaterapia por instituição de ensino na região Sudeste, dos 548 (100%) respondentes, 373 (68,1%) estomaterapeutas formaram-se em 14 instituições na região Sudeste, das quais as três principais unidades formadoras foram: Universidade de São Paulo (USP) (100, 26,8%), Universidade de Taubaté (Unitau) (72, 19,3%) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) (50, 13,4%), que representam 59,5% da formação no Sudeste e 40,5% da formação no Brasil. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) formou 42 (11,3%) dos respondentes, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) formou 36 (9,7%), a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp) 22 (5,9%), a Faculdade de Medicina do ABC (FMABC) 18 (4,8%) e outras instituições foram citadas por 33 respondentes (8,8%). Cabe ressaltar que informaram instituições que não são credenciadas pela Sobest/WCET, o que pode demonstrar que existem cursos não credenciados em funcionamento, ou que o respondente considerou cursos de extensão realizados como curso *lato sensu*, ou ainda houve dúvida na resposta e a pessoa informou a instituição na qual concluiu sua formação em enfermagem.

Em relação aos formados em estomaterapia da região Nordeste (91, 100%), segunda região a ter um curso de especialização em estomaterapia, com início em 1999, na Universidade Estadual do Ceará (UECE), obteve-se 45 (49,5%) respondentes formados pela UECE, 30 (33%) pela Universidade Estadual de Pernambuco (UEPE), 13 (14,3%) pela Faculdade Gianna Beretta do Maranhão e três (3,3%) pelo Centro Universitário FACISA em Ilhéus.

Na região Sul, a principal instituição formadora foi a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), também a primeira instituição a ter um curso de especialização em estomaterapia na região. Fato que explica o maior número de formados na região com 48 (78,7%) dos 61 (100%) respondentes da região. A Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos) aparece com 11 (18%) dos respondentes e a Universidade do extremo sul catarinense (Unesc) com 2 (3,3%).

As três maiores instituições de ensino formadoras de enfermeiros estão no Sudeste (USP, Unitau e UERJ), juntas

somam 222 (40,5%) entrevistados. Já as cinco principais instituições formadoras na área de estomaterapia do Brasil (inclui-se PUC-PR e UECE) reúnem 315 estomaterapeutas, correspondendo a 57,5% do total.

Os cinco principais estados do Brasil em que os estomaterapeutas respondentes atuam são: São Paulo (184, 33,6%), Rio de Janeiro (75, 13,7%), Minas Gerais (66, 12%), Ceará (42, 7,7%), Paraná (41, 7,5%). Os demais estados citados somam um total de 140 (25,5%) dos respondentes.

DISCUSSÃO

Com base nos resultados apresentados, observa-se concentração de estomaterapeutas nas regiões Sudeste (328, 59,9%), Nordeste (110, 20,1%) e Sul (74, 13,5%), totalizando 512 (93,5%) questionários. Essas áreas são as mais populosas do país e também refletem a história da especialidade, uma vez que a especialidade teve início na região Sudeste e, por 10 anos, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo foi a única instituição de ensino que oferecia a especialidade no Brasil⁹. As regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram quantitativos menores (18, 3,3%), reflexo da dificuldade de acesso dos profissionais à formação especializada e presença mais recente de cursos nessas regiões.

A pesquisa abrangeu todo o país, porém foi da região Sudeste que o maior número de questionários retornou. Esse dado pode refletir, além da concentração populacional e presença de grandes instituições de saúde e acadêmicas, a maior tradição nos cursos de especialização em estomaterapia, posto que o primeiro e o terceiro cursos realizados no país foram instituídos nessa região: 1 na cidade de São Paulo (EEUSP), 1 na cidade de Taubaté (Unitau)². Cabe ressaltar que o curso da EEUSP foi desativado em 2015, enquanto a Unitau mantém seu curso até o momento.

Ao se comparar dados de formação com os de residência dos estomaterapeutas, verificou-se que as regiões Centro-Oeste e Norte têm déficit de centros de formação na área, uma vez que 18 (3,3%) atuavam nessas regiões, mas apenas 5 (0,9%) haviam realizado a formação especializada na mesma região. Sendo assim, pode-se supor que profissionais formados em outras regiões foram incorporados no mercado de trabalho nas regiões citadas. Na região Centro-Oeste, a Universidade de Brasília (UnB) formou apenas uma turma, sendo que ofereceu novas vagas para formar especialistas em estomaterapia somente em 2019. A região Norte por

sua vez tem um único curso oferecido pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA).

Os dados ainda podem indicar que alguns estomaterapeutas, mesmo residentes em outra região do país, vieram ao Sudeste para buscar sua formação. Dessa maneira, em uma primeira geração de estomaterapeutas formados entre 1989 (no exterior, já que nessa data ainda não havia cursos da especialidade no Brasil) e 1998, que participaram da pesquisa, no total de 40 (100%) formulários respondidos, 37 (92,5%) eram formados pela EEUSP e três no exterior. Esses dados remetem à história da especialidade e das ofertas de cursos para os estomaterapeutas no Brasil^{2,9}.

Em relação à distribuição da quantidade de respondentes segundo a década de realização do curso de especialização em estomaterapia, percebe-se que o número de enfermeiros que se especializam vem crescendo na última década. Evidentemente, esse aumento se relaciona à ampliação de ofertas de cursos em novas instituições de ensino e regiões do país⁴. Sobre esse tópico, aponta-se que foi realizada uma periodização da estomaterapia no Brasil, a partir do estudo da história da especialidade, e entende-se que é possível apontar as seguintes balizas temporais para definir períodos de habilitação e de disponibilidade dos cursos no país:

- Até 1998: formação no exterior ou no único curso de especialização no Brasil na EEUSP em São Paulo^{2,9};
- De 1999 a 2008, ampliação de cursos no Brasil⁴;
- De 2009 em diante com expansão do número de cursos ofertados em diferentes regiões do país e a partir de 2011 com a autorização da Sobest pelo WCET para credenciar os cursos de especialização em estomaterapia⁴.

Com a Sobest certificando e homologando os cursos desde final de 2011, houve crescimento do número de cursos e consequentemente de especialistas na área no país. A partir dessa periodização, tem-se que 342 (62,4%) das pessoas que responderam aos questionários se formaram entre 2009 e 2016. Esse é um dado importante e mostra o real crescimento da especialidade no país.

No que se refere à área de abrangência da especialidade e a área de atuação profissional do participante na especialidade (estomias, feridas e incontinências), a partir das informações dos 548 (100%) estomaterapeutas que declararam atuar na área, obteve-se que 196 (35,8%) declararam trabalhar com estomias e feridas, 188 (34,3%) atuavam em estomias, feridas e incontinências e somente 54 (9,9%) informaram atuar somente com feridas. Somando essas três informações com os que

trabalham com feridas e incontinências, 14 (2,6%), tem-se que 452 (82,6%) dos participantes atuavam na área de cuidado das pessoas com feridas. Esse dado é importante para refletir sobre as áreas de atuação na especialidade, principalmente no que tange aos cuidados das pessoas com feridas, uma vez que, embora o surgimento da especialidade se relacione à questão do cuidado de pessoas com estomias^{1,2}, observa-se atualmente que os cuidados de pessoas com feridas vem se ampliando e sendo um dos principais campos de atuação do estomaterapeuta. Esse papel pode estar muito ligado à identidade profissional do enfermeiro, pois seu objeto de trabalho é o cuidado¹⁰.

Além disso, o cuidado com lesões é tradição na enfermagem. Assim, pode-se considerar que a ferida se constitui campo de maior visibilidade do trabalho do especialista e de maior realização profissional, já que o resultado é mais rápido e identificável do ponto de vista quantitativo e qualitativo (tempo e qualidade da cicatrização), sendo mais fácil de ser mensurado e avaliado.

O tema merece, portanto, ser mais explorado, considerando a história da especialidade e suas perspectivas futuras². Os dados mostraram que o especialista atua no cuidado de pessoas com estomias, ligando-se à especificidade originária da estomaterapia¹, mesmo que seu maior foco de atenção esteja centrado no cuidado de pessoas com feridas.

Destaca-se então o cuidado das pessoas com estomias como a segunda área de maior atuação do estomaterapeuta, uma vez que 427 (78,0%) dos participantes da pesquisa declararam trabalhar com pessoas nesta condição. Esse número decorre da soma do número de pessoas que declararam trabalhar com estomias – 30 (5,5%), estomias e feridas – 196 (35,8%), estomias e incontinências – 13 (2,4%) e estomias, feridas e incontinências – 188 (34,3%).

Assim, acredita-se que movimentos de valorização de todos os campos de atuação do especialista (em especial estomias e incontinências) se fazem necessários. Esses movimentos podem se concretizar por meio de implementação de ações e protocolos assistenciais específicos bem como do desenvolvimento de pesquisas, de indicadores para esses campos e de planos de carreira para o especialista. Lembrando que esse último pode ser impulsionado pela articulação do profissional junto aos seus órgãos de classe.

O número ainda pequeno de profissionais atuantes junto a pessoas com incontinências leva à reflexão sobre um campo da especialidade que precisa ser mais explorado pelos profissionais, intensificando sua atuação. É um ramo

da especialidade que ainda pode crescer muito ou até desaparecer dos domínios da especialidade caso não seja de fato absorvido na prática dos profissionais.

Outro dado que merece atenção diz respeito aos 51 (9,3%) estomaterapeutas que não informaram sua área de atuação na especialidade. Supõe-se que eles poderiam ser profissionais que atuavam em outros campos como no ensino, pesquisa ou mesmo na indústria, e que, portanto, mesmo estando ligados à área, não estavam realizando o atendimento clínico diretamente. A maior parte dos estomaterapeutas atuantes no Brasil estava envolvida na assistência direta aos pacientes, desenvolvendo suas atividades provavelmente em hospitais e clínicas. Essa informação reafirma o caráter assistencial da prática profissional do enfermeiro e seu principal objeto de trabalho: o cuidado direto¹⁰⁻¹². Os campos gerencial e de pesquisa atingiram os menores índices, computando apenas 28 (4,9%) das respostas. O número de profissionais que se dedicavam à pesquisa ou à vida acadêmica também era bem reduzido (66, 11,6%).

O pequeno percentual de atuação dos estomaterapeutas no gerenciamento de enfermagem em estomaterapia¹³ gera questionamentos e indagações e, em especial, à organização de serviços estruturados nas três áreas de atuação da especialidade, necessidade que os autores consideram emergente para a consolidação da especialidade no país.

No que se refere à pesquisa, sabe-se que, apesar do crescimento na enfermagem, ainda há muito a ser expandido para ampliar as contribuições da ciência na prática do especialista e no cuidado direto das pessoas que necessitam de atenção especializada¹⁴, e isso não é diferente na estomaterapia.

Outro campo de atuação para o estomaterapeuta está na indústria e no comércio de produtos relacionados ao cuidado de pessoas com feridas, estomias e incontinências. Do total de respondentes, 57 (10%) atuavam nesse campo, sendo este é um espaço em que a especialidade vem ganhando importância. A identidade do enfermeiro ainda está muito ligada ao cuidado direto¹¹, não há ainda uma “imagem” desse profissional relacionado a outros ambientes de trabalho, em especial na indústria e no comércio. Destacam-se, com isso, novas formas de atuação profissional, posto que a estomaterapia é ainda uma especialidade recente no Brasil.

Frente a essa história coletiva da especialidade, histórias individuais que se desenrolam em diferentes cenários e tempos de atuação profissional vêm se constituindo. A maioria dos participantes (223, 40,7%) tinha cinco anos ou menos de

atuação e 164 (29,9%) tinham entre seis e dez anos. Ou seja, obteve-se 387 (70,6%) respostas com até dez anos de atuação que apontavam a atuação do especialista no mercado de trabalho, mostrando que a estomaterapia é recente na realidade do atendimento especializado à saúde no Brasil. Outro dado que corrobora esse achado é que a média de anos de atuação foi de 7,7 anos, para essa amostra. Esse dado reafirma o contexto de criação e ampliação dos cursos de estomaterapia no país^{2,4}. Entre 11 a 15 anos de experiência, 71 (13,0%) e à medida em que aumenta o tempo de atuação na área os percentuais diminuem. Informação que reforça a jovialidade da especialidade, porém é importante analisar os dados em relação ao número de profissionais apenas formados e aqueles que eram atuantes. Nessa comparação verifica-se o aumento relevante do número de especialistas formados. Entretanto nota-se que o número de vagas no mercado de trabalho pode não estar acompanhando esse crescimento por estar saturado ou ainda por que as instituições de saúde não estão totalmente preparadas para oferecer serviços especializados em estomaterapia.

A quantidade de instituições formadoras cresceu, mostrando o aumento do número de enfermeiros especialistas concluintes de cursos de estomaterapia. Ao se cruzar os dados das Figs. 4 e 5, observa-se que tanto o número de instituições formadoras quanto de formandos tem aumentado e que esses dados se relacionam. Além disso, é possível dimensionar o estabelecimento e a consolidação da especialidade como modalidade de atendimento à saúde a partir dessas informações. Pode-se também inferir que o especialista, mesmo quando não formalmente contratado como estomaterapeuta, desenvolve atividades relacionadas à sua área, de modo que justifica o investimento realizado em sua formação especializada.

O aumento de cursos e de profissionais está relacionado à história da construção da especialidade, em que critérios e valores relacionados à qualidade formativa de seus cursos contribuíram para que grande parte desses profissionais tivesse uma mesma base de formação, garantindo que ela fosse bastante sólida. Os profissionais que deram início à especialidade no país assumiram um papel militante pela estomaterapia brasileira e foram responsáveis por abrir e consolidar um novo campo de atuação para o enfermeiro e o estabelecimento de padrões de qualidade⁷.

Em relação aos cursos de especialização nas diferentes regiões do Brasil, observa-se o crescimento da oferta e a presença em todas as regiões do país.

São Paulo ainda se destaca pois possui cinco das dez maiores escolas formadoras, apresentando com isso maior capilaridade, que se expande para o interior (Taubaté, Campinas, São José do Rio Preto e Santo André). Talvez essa seja tendência a ser seguida em outras regiões do país a fim de atender a formação de pessoas que moram distantes dos grandes centros, considerando especialmente as dimensões territoriais do Brasil e de alguns estados. Tendo em mente que a distância do centro formador para o local de residência das pessoas muitas vezes faz com que os estudantes tenham grandes dificuldades e desistam de investir em suas formações, tais distâncias se revertem em maiores investimentos financeiros e de tempo.

CONCLUSÃO

Considera-se que a pesquisa conseguiu alcançar seus objetivos plenamente ao obter conhecimento direto da realidade dos profissionais da estomaterapia. Os próprios enfermeiros informaram sobre sua formação, atuação profissional e região de atuação.

Destacam-se a predominância de cursos de formação e de profissionais atuantes na região Sudeste; a, ainda, pequena atuação dos estomaterapeutas na área de incontinências e sua grande ocupação junto à área de cuidado de pessoas com feridas, destacando o campo de trabalho assistencial; o crescimento da especialidade, dos centros de formação e do número de especialistas no país, principalmente nos últimos 10 anos; a tendência de descentralização das regiões de formação e atuação do profissional; e a abertura de novos campos de trabalho para o enfermeiro.

Sendo assim, de forma geral, pode-se responder à questão norteadora deste artigo dizendo que a maioria dos enfermeiros estomaterapeutas brasileiros é residente e atua na região Sudeste, onde também se formou. São jovens

profissionais, que atuam há menos de 10 anos na área, predominantemente no campo assistencial, no cuidado de pessoas com feridas.

Uma das preocupações apontadas pelo estudo é a necessidade de o especialista abraçar as demais áreas da especialidade: estomias e incontinências. Além disso, é importante que tais profissionais vejam a possibilidade de ampliar seus campos de atuação para além da assistência.

Os dados também apontam o grande crescimento da formação desses especialistas, vez que houve aumento importante da oferta de cursos de especialização. Entretanto é preciso ressaltar a preocupação com a ampliação do mercado de trabalho para os enfermeiros estomaterapeutas, cuja formação vem crescendo em velocidade que parece não estar sendo acompanhada pelo número de vagas destinadas à especialidade, independente da região em que estão trabalhando.

AGRADECIMENTOS

As autoras deste trabalho agradecem a todos os estomaterapeutas que participaram deste estudo.

FINANCIAMENTO

Associação Brasileira de Estomaterapia: Estomias, Feridas e Incontinências (Sobest).

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR

Investigação, Boccara de Paula MA e Ribeiro, SRS; Redação – Primeira versão, Boccara de Paula MA e Ribeiro SRS; Redação – Revisão & Edição, Boccara de Paula MA, Ribeiro SRS e Santos VLCC.

REFERÊNCIAS

1. Stevens PJE. Development of enterostomal therapy as an international nursing specialty. In: Gill-Thompson NN, Erwin-Toth P, Krasner DL, editores. Enterostomal therapy nursing: Growth & evolution of a nursing specialty worldwide: A Festschrift for Norma N. Gill-Thompson. 2a ed. Cambridge: Cambridge Publishing, 2012. p. 75-81.
2. Thuler SR, Boccara de Paula MA, Silveira NI (orgs). Sobest: 20 anos. Campinas: Arte Escrita, 2012.
3. Santos VLCC, Cesaretti IUR. Assistência em estomaterapia: cuidando de pessoas com estomias. 2ª ed. São Paulo: Ateneu, 2015.
4. Associação Brasileira de Estomaterapia: estomias, feridas e incontinências (Sobest). Cursos credenciados [website]. [citado 10 set 2019]. Disponível em: <http://www.sobest.org.br/texto/64>.

5. Cruz EMTN. A complexidade da escolha da especialidade. *Revista USP*, 1998;3:16-8.
6. Santos VLCC. A bolsa na mediação estar ostomizado-estar profissional: análise de uma estratégia pedagógica [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1996.
7. Boccara de Paula MA, Santos VLCC. O significado de ser especialista para o enfermeiro estomaterapeuta. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 2003; 11(4):474-82. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692003000400010>
8. Santos FOF, Montezeli JH, Peres AM. Autonomia profissional e sistematização da assistência de enfermagem: percepção de enfermeiros. *Rev Min Enferm*, 2012;16(2):251-7.
9. Santos VLCC. Ensino especializado de estomaterapia no Brasil: 1990- 1995. *Rev Latino-Am Enfermagem*, 1998;6(3):43-54. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691998000300006>
10. Kirchof ALC. O trabalho da enfermagem: análise e perspectiva. *Rev Bras Enferm*, 2003;56(6):669-73. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672003000600016>
11. Melo LP. Enfermagem como uma ciência humana centrada no cuidado. *Rev Min Enferm*, 2016;20(e979):1-7. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20160049>
12. Santos AG, Monteiro CFS, Nunes BMVT, Benício CDAV, Nogueira LT. O cuidado em enfermagem analisado segundo a essência do cuidado de Martin Heidegger. *Rev Cubana Enferm*, 2017;33(3).
13. Teixeira AKS, Menezes LCG, Oliveira RM. Serviço de estomaterapia na perspectiva dos gerentes de enfermagem. *ESTIMA, Braz J Enterostomal Ther*, 2016;14(1):3-12. <https://doi.org/10.5327/Z1806-3144201600010002>
14. Fortuna CM, Mishima SM. A pesquisa de enfermagem e a qualificação da assistência: algumas reflexões. *Rev Eletr Enf*, 2012;14(4):740-2.